

Leandro Gomes de Barros

Antonio Silvino, no jury  
Debate de seu advogado



O autor reserva o direito de propriedade



Antonio Silvino no jury.

Debate de seu advogado.

Era 26 de Outubro  
O dia designado  
Para o celebre cangaceiro  
No tribunal ser julgado  
Perante a justiça publica  
E o seu advogado.

Já na torre da igreja  
Annunciava meio dia  
Então Antonio Silvino  
Cabisbaixo triste ia  
Ver a ultima sentença  
Que por sorte lhe cabia.

No salão do tribunal  
Entrou elle amedrontado  
Porque conheceu que ali  
Havia de ser julgado  
Disia-lhe a consciencia:  
—E' triste teu resultado.

O juiz lhe perguntou  
Qual é todo nome seu  
Manoel Baptista de Moraes

Silvino lhe respondeu  
Me chamam Antonio Sivino  
Porém não é nome meu.

Sabe o réo porque está preso ?  
O juiz lhe perguntou  
Disse Silvino: por falço  
Que o povo me levantou,  
Servindo-se de meu nome  
Não foi um só que roubou.

Mais os horrorosos crimes  
Que se vê em seus processos ?  
Respondeu Silvino ; muitos  
Escreveram com excessos  
Onde eu passava já via  
Os rastões de outros perversos.

Diz o juiz você sabe  
Porque está sendo julgado ?  
Disse Silvino: é porque  
Dizem que eu sou processado  
E no mais em meu lugar  
Está meu advogado.

Porém o senhor não sabe  
Porque vem ao tribunal ?  
Eu vim porque me trouxeram  
Disse Silvino, afinal

Sou um homem ignorante  
Não conheço bem nem mal.

O juiz do tribunal  
Ordenou elle a sentar-se  
E disse ao advogado  
Que se quizesse fallasse  
E dentro da justa lei  
O que tivesse allegasse.

O advogado delle  
Vinte minutos fallou  
O que foi de attenuante  
Remecheu e esgotou  
Porém foi tudo debalde  
Que em nada remediou.

O advogado delle  
Entrou da forma seguinte :  
Disse em pleno tribunal  
Vejo o meu constituinte  
Ser condemnado em artigos  
Onde se livraram vinte.

Senhores; Antonio Silvino  
Não fez tudo que se diz  
Todos nós estamos a par  
Do povo d'esse paiz  
Que vendo o pobre com o peso  
Diz carrega esse infeliz.

Eu não me refiro a isso  
Porque seja interessado,  
E nem adoto o systema  
De um faminto advogado  
Fallo porque tenho pena  
De um infeliz desgraçado.

Eu não defendo esta causa  
Interessado em dinheiro  
Porque que fortuna tem  
Um pobre prisioneiro  
Venho pôr vêr tantos lobos  
Ao redor de um só cordeiro.

Ora nós temos a lei  
Claramente as nossas vistas,  
E essas leis foram feitas  
Por grandes criminalistas  
Não foi pessoas baixas  
Revoltosas e anarchistas.

Por exemplo uma hypothése:  
Pedro disse que fulano  
Lhe disse que lhe disseram  
Que Paulo matou beltrano  
Nesse processo de Paulo  
Não pode dar-se um engano?

Parece que um ente desses  
Cumpre a ordem do destino

Eu ouço fallar em crimes  
Commetidos por Silvino  
Quando talvez o pai d'elle  
Ainda fôsse menino:

Disse o Dr. Souza Filho  
Procurador do estado  
Collega, eu enxergo em si  
Razões de um advogado.  
Seu cargo hoje admitte  
Que se defenda o culpado.

Embora que os crimes d'elle  
Enchesse o grande compendio  
Você como advogado  
Procura geito e defende-o  
Mas a prisão d'elle, evita  
A morte, o roubo e o incendio.

Quantos orphãos n'esta terra  
Choram hoje desvallidos?  
Quantos homens arranchados  
Andam hoje foragidos?  
Viúvas desamparadas  
Que elle matou-lhe os maridos

Um d'esses se vendo solto  
Nunca mais se regenera  
E' feliz o brasileiro

Que não conhecesse tal féra  
Um coração tão perverso  
Envergonha a nossa éra.

Collega devemos vêr  
Disse-lhe o Dr. Simões  
Nes mãos já tem se encontrado  
Magnificos corações.  
Não é só no homem honrado  
Que se vê boas accões

Nós ja temos visto homens  
Em momento desgraçado,  
Cair as vezes n'um crime  
Sêr pôr isso processado,  
Mas depois que se vêr livre  
Torna-se regenerado

Disse o Dr. Souza Filho  
Não é isso attenuante,  
Olhe que o velho rifão  
Traz um trecho interessante,  
O cesteiro que faz um cesto  
Faz mais cem e assim por diante

O advogado--Existe uma lenda antiga  
Hoje se torna moderna  
Muitas pessoas adoptão-a  
Como uma verdade eterna,

O cavallo por um coice  
Não deve cortar-se a perna

Disse o desembargador  
Meus senhores venham cá  
Este réo onde nasceu  
Fez crimes desde lá  
No lugar onde elle estiver  
O crime perto ha de está.

Elle deve ter processo  
Em todo aquelle sertão,  
Elle nunca recuzou-se  
Para qualquer aggressão  
Roubo, incendio, assassinato,  
Era sua profissão.

Fez elle em Caruarú  
Duas mortes em Trapiá,  
Quatro ou cinco em Canhotinho  
Duas ou trez no Ingá  
Fez mas uma scena horrenda  
Na uzina Jundiá.

Passou desenove annos  
O norte sem garantia,  
Só morava no sertão  
O pôvo que elle queria,  
A força que fôsse a elle,  
Desinterada sahia.

Hoje por felicidade  
 Alguem pode o capturar,  
 Se elle se escapulir  
 Quem pode mais o pegar?  
 Qual é mas o fazendeiro  
 Que pode negociar?

Além da terrivel secca  
 Que tanto tem assolado  
 Solte de mais um leão  
 Que temos engaiolado  
 Veja se todo sertão  
 Não fica despovoado.

O advogado disse:  
 O advirto a senhoria,  
 O crime, figura um cégo  
 A lei figura uma guia  
 A lei é como o compasso  
 Não sendo, do que servia?

O réo commetten o crime  
 E o processo foi feito  
 Mais quem tirou o inquerito  
 Não soube tirar direito,  
 Arrependeu-se depois  
 Agora não tem mais geito

A lei manda que se obre  
 O que consta na postura

Quem foi fazer fez errado  
 Quem vê e sabe sensura  
 Da mortê para existencia  
 Muda muito de figura.

Porque a lei diz assim  
 Só poderá ser punido  
 O crime que for provado  
 Como foi acontecido  
 Tendo uma só testemunha  
 Inda não está garantido

Não era Silvino só  
 O gangaceiro que havia  
 Então do nome delle  
 Qualquer se prevalecia  
 Muitos crimes foram dados  
 Onde Silvino nem hia

O concelho reuniu-se  
 E fizeram votação  
 Não houve um voto a favor  
 Não pode haver concessão  
 A causa estava perdida  
 Não havia remissão.

Tambem Antonio Silvino  
 De vez em quando corava  
 Chegava-lhe um suor frio

O rosto lhe desmaiava  
Nem cascavel no sertão  
No dia que se assanhava.

Quando chegou na cadeia  
Todo corpo lhe tremia  
Olhava para a prisão  
A carne lhe estremecia  
Fitava todas as paredes  
Como cobra, se mordia.

Arrenegava da hora  
Que a mãe d'elle o conceben  
Desconjurava do dia  
E do anno em que nasceu  
Até da primeira papa  
E do tempo em que viveu

Depois de tudo acalmava-se  
Mais não podia dormir  
Cinco minutos de somno  
Não podia conseguir  
Oras ouvia-se chorar  
Outro se via-o sorrir.

Elle exclamava comsigo  
Ah! liberdade de outr'ora  
Quanto feliz era eu  
Podendo colher-te agora

Mas tu foste como o passaro  
Voaste e fostes embora

E's como as folhas que seccam  
Nos frondosos laranjaes  
Ou como as aves nos ninhos  
Que empenam e deixam os paes  
Dizem no primeiro vôo  
Adeus para nunca mais.

Ah! campos da minha terra  
Onde a infancia passei  
Ah! sombras deliciosas  
Onde dias desfrutei  
Moltes cobertos de flores  
Que para sempre deixei

Onde gozei mil carinhos  
De uma mãe carinhosa  
Os dias eram uns jardins  
E cada noite uma rosa  
Nasci em berços de flores  
E morro em cama espinhosa.

Oh morte porque demoras  
Em dar minha liberdade  
Não é o meu soffrimento  
Vindo da eternidade  
Eu te esperava tão cedo  
Vinde embora seja tarde

Oh ! campos de minha terra  
Prazeres que desfrutei  
Scenas que passei por ellas  
Gloria com que eu sonhei  
Montanhas encantadoras  
Inda hei de verte, não sei

Talvez que inda por sonho  
Eu vá num daquelles montes  
Do cume de uma das serras  
Olhe aquelles horizontes  
Ou se morrer minh'alma  
Vá ao pé daquellas fontes.

Quem criou-se onde eu criei-me  
E nasceu onde eu nasci  
Estando em minhas condições  
Preso como estou aqui  
Chora quando se lembrar  
De muitas scenas dalli

A liberdade do povo  
Os encantos do sertão  
Os cantos dos passarinhos  
Um tempo de apartação  
O homem que não chorar  
Nunca teve coração.

Embora fosse infeliz  
Com tudo sinto saudade

Minha patria foi cruel  
Mas eu lhe tenho amizade  
O amôr é a pessôa  
Ambas são da mesma idade

Depois dizia consigo  
Ah ! juiz ! se eu te apanhasse  
Eu sendo como já fui  
Talvez tu não escapasse  
Tudo quanto já tem dito  
Em dez palavras negasse

Tudo hoje é contra mim  
Neste miseravel estado  
Quatro e cinco me sensuram  
Por todos sou accuzado  
Nove algozes de uma vez  
Accuzando um condemnado

Talvez que alguém aqui  
Fizesse tudo que eu fiz  
Porém encontrou amigo  
Ou um pai como se diz  
Um desses que faz sorrindo  
De um desgraçado feliz.

Mas eu sou pelo contrario  
Só alcanço accuzação  
Não há um entre esses tantos



Que me procure a razão  
O que é menos contra mim  
Vota por minha prisão

Hoje tenho a liberdade  
Por um ditado ou pilheria  
O castigo é o commum  
O horror sentença seria  
Trago o carrasco a meu lado  
Convivo com a miseria

Minha esperança é mais negra  
Do que as noites sem lua  
Nas tempestades horrendas  
Que nem um astro flutua  
Estou nas condições do cão  
Sem domno no meio da rua

Se hoje eu chegar na praia  
As ondas vendo-me esbarram  
Os proprios peixes ferozes  
Se me virem não me agarram  
Repugnados de mim  
Torcem de banda e escarram

Procuro um homem das lettras  
Que procure meus direitos  
Esse corre meus processos  
Acha num, dous, trez defeitos

Crimes de barbaridades  
Que por mim não foram feitos

Mas o homem prezo está  
Sujeito a qualquer mazella  
E quem compra numa tasca  
Paga pelo preço della  
Isso é cazo que se dá  
Desde o palacio a uma sella.

Se pelo o revez da sorte  
Inda eu possa me soltar  
Aos quatro estados do norte  
Eu hei de gratificar  
Por uns quatro ou cinco seculos  
O povo tem que fallar

Pernambuco tem de ver  
Embuá tocar viola  
Morcêgo andar no cangaço  
Com rifle faca e pistolla  
Parahyba fica doida  
O Rio Grande se amolla

Ah! se chegasse esse dia!  
A que gráo subia eu  
Eu olhava todo norte  
Disia isso aqui é meu  
Meu avô deu ao meu pai  
Meu pai na morte me deu

Tambem eu juro ao meu Deus  
 Se algum dia eu me soltar  
 Faço cousa a cabra ruim  
 Que o diabo á de chorar  
 Até cascavel tem pena  
 Tapurú chega a exclamar

Dessas estradas de ferro  
 Desgraço todas as linhas  
 Familias em Pernambuco  
 Só escaparão as minhas  
 Na Parahyba não fica  
 Quem bote agua as gallinhas

Se eu escapulir daqui  
 Não ha mais quem me dê fim  
 Porque desse dia em diante  
 Eu hei dẽ faser assim  
 Esmolla nem ao meu pai  
 Confiança nem em mim

Eu quero ver se um diabo  
 Me acha de corpo aberto  
 A salvação do macaco  
 E' ser ligeiro e esperto  
 Faz muito bem o coelho  
 Dormir com olho aberto

